

473

FATIMA 50

INTERNATIONAL

Ano III-Nº 31 13/Novembro/1969





Aspectos da Peregrinação Nacional de 13 de Outubro de 1969

DEPÓSITO LEGAL
- 0. NOV. 1969



FÁTIMA-50

INTERNACIONAL

Ano III - N.º 31-13 Novembro 1969

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA . Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO:

ACTUALIDADES

Peregrinação de Outubro	12
Notícias de Fátima	25

DOCUMENTOS

Uma Página da História de Fátima	4
--	---

COLABORAÇÕES

Ressonâncias de Fátima	18
------------------------------	----

TESTEMUNHOS

O Vietname, Fátima e o Comunismo	17
--	----

(Na capa: O reitor do Santuário toma sempre ao seu cuidado a dedicada operação de colocar a imagem da Capelinha no seu pedestal.)

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores de MÁRIO DE FIGUEIREDO;
fotos a preto e branco de «MARINHO»

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

UMA PÁGINA DA HISTÓRIA DE FÁTIMA

FRANCISCO PEREIRA DE OLIVEIRA

DISCURSO NA FESTA DE HOMENAGEM AOS REITORES DO SANTUÁRIO

28 de Setembro de 1969

Relata-nos a história de Portugal que à medida que os primeiros reis iam dilatando as fronteiras do território nacional tratavam imediatamente de fundar mosteiros, conventos e igrejas, certamente com duas finalidades: agradecimento pela intercessão divina a favor das armas portuguesas e fomento de potencial humano, caracterizado pela ilustração das artes e das letras, da agricultura e da indústria.

E foi assim que junto desses mosteiros, santuários e igrejas se ergueram povoações cujos moradores, no contacto com as comunidades religiosas, foram crescendo no conhecimento das ciências eclesiásticas, das artes e dos ofícios e se formaram os santos da nossa história pátria.

Naturalmente o maior contributo para a grei provinha dos superiores e mestres dessas comunidades. Não nos é difícil verificar estes factos através dos centros, não longe daqui, como Alcobaça, Batalha, Ourém e Tomar. A influência religiosa foi de tal ordem que até muitos dos lugares situados à sua volta recordam e atestam a presença das ordens religiosas, pelos nomes por que nos tempos actuais são designados. O que sucedeu bem perto de nós repetiu-se pelo país além, com larga preponderância para as ordens e instituições de carácter mariano, de forma que Portugal se designou por «Terra de Santa Maria».

A história repete-se.

Em 1917, nesta terra, então apenas mato e pequenas e raquíticas árvores, apareceu a Mãe de Deus a três crianças do lugar de Aljustrel, desta freguesia de Fátima. Foi Nossa Senhora quem fundou o Santuário e a povoação da Cova da Iria.

E se a autoridade eclesiástica da diocese — o sr. D. José Alves Correia da Silva — levou quinze anos para aprovar o culto de Nossa Senhora sob a invo-

cação de Fátima, e a declarar dignas de crédito as aparições na Cova da Iria, a presença aqui de multidões constantes e o desenrolar de cerimónias grandiosas passaram a ser facto tão incontestável, confirmado por ocorrências verdadeiramente sobrenaturais, de tal modo que, mesmo antes de tornar dignas de crédito as visões das três crianças, o senhor bispo mandou para aqui o primeiro reitor, o sr. padre Manuel de Sousa, até então pároco da freguesia de Seiça.

Na Cova da Iria, o senhor D. José havia confiado os primeiros trabalhos — a construção dos muros, a edificação da Capela das Aparições e os alicerces do hospital —, a uns pedreiros e canteiros do lugar da Chainça, que tinham como encarregados os Videntes — pai e filhos —, família de operários que haviam tomado a seu cargo a construção das igrejas de Santa Catarina da Serra e de Fátima, e cujo chefe — o Manuel Vicente — sabia fazer desenhos e «ler» as plantas dos architectos e engenheiros.

Mas, mais que cuidar das obras e dos operários, tornava-se necessário ter no local um sacerdote que pudesse prestar assistência religiosa aos inúmeros peregrinos que diariamente vinham à Cova da Iria cumprir promessas e fazer súplicas à Mãe de Deus, e também para tomar conta das esmolas e ex-votos, preparar as cerimónias das peregrinações dos dias 13, providenciar os meios indispensáveis para que ao local não faltassem condições humanas, e ainda para dispor as coisas para os primeiros retiros, pois

Padre Manuel de Sousa, reitor de 1927 a 1937
(retrato a óleo do pintor João Reis)



era ideia fixa do senhor D. José que o Santuário se tornasse, como de facto é, centro de formação religiosa de todo o País, através de retiros, cursos de formação e congressos.

De tudo isto se desempenhou com a maior dedicação e zelo o senhor padre Manuel de Sousa, nos primeiros tempos do Santuário. Alguns se recordarão ainda de o ter visto com o seu guarda-pó vestido, junto dos mestres Vicentes e dos outros encarregados, como o Manuel Carreira e o José da Assunção, a desdobrar as plantas das primeiras construções, a tomar conta de tudo o que dizia respeito ao desenvolvimento e arranjo do local das aparições. Era o mestre de obras, sim, mas foi sobretudo o sacerdote que devotamente celebrava a missa e rezava o terço diariamente, confessava e atendia os peregrinos, providenciando para que o Santuário se preparasse para ser um verdadeiro centro de devoção mariana.

Tratou de adquirir um motor para fornecimento de energia eléctrica e não poucas vezes teve que ser ele o mecânico que o punha a funcionar e dele tratava, o mesmo sucedendo com os primeiros altifalantes. A água era guardada em depósitos construídos na rocha, e junto da fonte da água miraculosa mandou o senhor padre Sousa fazer mais cisternas para arrecadação da água indispensável para os peregrinos e para as obras.

Abalado pela doença, o senhor padre Manuel de Sousa, depois de exercer o cargo pelo espaço de 10 anos, retirou-se de Fátima e foi viver no Convento do Varatojo, tendo mais tarde prestado serviço como capelão na Marinha Grande, onde faleceu a 13 de Outubro de 1950.

Em 29 de Junho de 1937, o senhor D. José mandou para o Santuário como capelão o senhor padre Amílcar Martins Fontes, sacerdote a que Fátima não era estranha. Aqui tinha cantado a sua primeira missa e enquanto professor do Seminário de Leiria havia sido o director diocesano dos Cruzados de Fátima.

Só uns anos depois é que o senhor bispo o nomeou reitor do Santuário.

Se o senhor padre Sousa havia sido providencialmente designado para dirigir «in loco» os primeiros passos do Santuário, não há dúvida que a escolha do senhor padre Amílcar para 2.º reitor foi das mais acertadas.

Algum tempo depois de tomar conta do seu cargo, verificou o senhor padre Amílcar a necessidade de pôr em prática diversas medidas, entre as quais a de chamar a atenção de todos os que então prestavam serviço por conta de Nossa Senhora, inclusive aos próprios encarregados e mestres para o cumprimento dos seus deveres. A alguns destes não lhes pareceu bem tal medida e resolveram abandonar o trabalho, deixando o reitor sem encarregados para os diversos sectores operários. Não se intimidou, porém, este. Procurou novos operários capazes de serem encarregados e as obras prosseguiram num ritmo sereno e seguro, debaixo da orientação do sr. padre Amílcar Martins Fontes. E pelos anos seguintes, até 1951, foram construídas as Casas dos Retiros, os hospitais, concluída a Basílica e feitas tantas obras necessárias para a vida do Santuário. Dotado de uma capacidade física invulgar, de uma larga visão, de espírito empreendedor e sobretudo de bondade inexecedível,

embora por vezes o seu aspecto físico o não denotasse, o sr. padre Amílcar não foi apenas o administrador, fiel cumpridor das ordens e desejos do seu Prelado, mas foi sobretudo em Fátima durante 20 anos o sacerdote que celebrava as missas na Capela das Confissões, durante o tempo em que esteve ao culto, na Capela do Hospital, enquanto a Basílica era preparada, e depois ali, em altar improvisado. Presidia às devoções diárias, assistia aos peregrinos e a todos prestava assistência espiritual. Era o padre que fazia plantas e interpretava, não sem dificuldades, por vezes, as que os arquitectos e técnicos lhe forneciam e que a falta de planos prévios e a deficiência de meios técnicos tornavam de difícil execução, caindo-se por vezes na incongruência de construir hoje e ter que demolir depois. Encontrava tempo para se reunir diariamente com os seus encarregados e operários na reza diária do terço, devoção que estes tomaram depois da realização de um retiro a cujo encerramento presidia sempre o senhor D. José.

Encontrava ainda tempo para tomar parte nas reuniões da conferência de S. Vicente de Paulo, cuja fundação na Cova da Iria aplaudiu, pondo à disposição dos confrades a sala no Santuário para as reuniões. Era um vicentino que visitava semanalmente o seu pobre.

A povoação da Cova da Iria que à data em que o sr. padre Sousa foi reitor tinha apenas 7 fogos, 32 habitantes e 4 casas comerciais, foi aumentando em população, de forma que entre 1946 e 1951 a Cova da Iria era já um aglomerado urbano constituído por 117 fogos, 602 habitantes, 55 hotéis e pensões, colégios e casas de comércio.

Sempre que o sr. padre Amílcar alcançava para o Santuário os meios materiais indispensáveis para o acolhimento das grandes multidões, não hesitava em estendê-los à povoação, pois tinha bem presente que os peregrinos ao entrarem no Santuário passavam pela Cova da Iria. E foi assim que à sombra do Santuário e debaixo das ordens do sr. padre Amílcar os habitantes da Cova da Iria puderam ter luz eléctrica, correio, telégrafo e telefone, e a pouca água que sobrava do abastecimento do Santuário, feito em 1950 através da conduta que vinha da Caridade, em Vila Nova de Ourém. Fundou o sr. padre Amílcar a Associação dos Amigos do Catecismo, cujos membros subsidiavam as despesas com o aluguer de filmes de catequese e culturais que ele todos os domingos passava na sua máquina de cinema para as crianças e famílias da Cova da Iria.

Por altura da realização do Sinodo Diocesano, o senhor bispo distinguiu o sr. padre Amílcar com a dignidade de cônego honorário da Sé de Leiria, mas a sua humildade e o seu espírito de verdadeiro sacerdote preferiu sempre o tratamento de padre Amílcar. Ele o declarou quando em 1957 ao abandonar, a seu pedido, as funções de reitor, numa homenagem então promovida pelos amigos da Cova da Iria, o sr. dr. Carlos Mendes, ao referir a generosidade e a bondade do ilustre sacerdote, o tratou por padre Amílcar.

Em 1950 e 1951, o recinto do Santuário sofreu as transformações urbanísticas derivadas de um plano



aprovado pelo senhor bispo e pelo Governo. O Santuário passou a beneficiar de assistência técnica do Ministério das Obras Públicas. Para todos estes trabalhos, e nem sempre isentos de dificuldades, o sr. cónego Amílcar mostrou-se o homem inteligente, apto, zeloso, o reitor admirado e respeitado por todos, técnicos e operários, que contribuíram para a edificação do Santuário de Nossa Senhora, a cuja história ficará para sempre ligada a sua acção. O sr. cónego Amílcar será sempre recordado com saudade e verdadeira amizade por todos os que com ele tiveram o prazer de tratar como reitor do Santuário, e sobretudo pelos habitantes da Cova da Iria.

Quando o sr. cónego Amílcar deixou a reitoria, o senhor bispo nomeou para o substituir, como reitor interino, o sr. dr. Joaquim Lourenço, sacerdote também já de certo modo ligado a Fátima, pois exercia o cargo de delegado do prelado diocesano na associação internacional denominada «Exército Azul», cuja sede se encontra na Cova da Iria.

Recebeu o sr. dr. Lourenço uma herança bastante pesada. A administração do Santuário não lhe era coisa fácil, dado o desenvolvimento adquirido com a realização das grandiosas cerimónias da coroação da imagem de Nossa Senhora e do encerramento do Ano Santo, a construção da Colunata, remodelação do hospital, compra de inúmeros terrenos que a clarividente visão do sr. cónego Amílcar levou a adquirir, para ampliação e regularização da zona prevista pelo Plano de Urbanização, e por tantos e delicados problemas ligados à vida administrativa do Santuário e sobretudo ao culto de Nossa Senhora.

O sr. dr. Lourenço assim o compreendia e procurou pôr em prática várias medidas para uma melhoria da vida administrativa, embora a sua saúde não permitisse dedicar-se totalmente ao exercício do seu cargo. A sua permanência na Índia, como missionário durante vários anos, havia depauperado as suas forças físicas. Porém, durante os três anos em que exerceu o cargo de reitor interino, fê-lo com verdadeira dedicação e zelo, com uma meticulosidade que lhe era proverbial, procurando atender a todos, e sobretudo os peregrinos, com o maior carinho e espírito de autêntico servidor de Nossa Senhora. Bem merece, pois, que a sua memória seja recordada por todos e sobretudo pelos habitantes da Cova da Iria, com o maior reconhecimento e veneração.

Em 13 de Agosto de 1959 tomou posse do cargo de reitor do Santuário de Nossa Senhora de Fátima o rev. monsenhor António Antunes Borges, que regressava de Roma, onde, com o maior acerto e dignidade, havia desempenhado as funções de reitor do Instituto de Santo António dos Portugueses e de consultor eclesiástico da Embaixada de Portugal junto da Santa Sé.

Como os seus antecessores, mons. Borges não era desconhecido em Fátima. Aqui, em diversas cerimónias, havia dirigido a sua palavra, fluente e apostólica, aos peregrinos de Nossa Senhora. Chegou mesmo a constar em Fátima que, antes de ir para Roma, para o Instituto de Santo António dos Por-

tugueses, mons. Borges havia sido indigitado para vir para Fátima auxiliar o senhor cónego Amílcar.

Completaram-se, portanto, 10 anos no passado dia 13 de Agosto, da reitoria do mons. Antunes Borges. Eu não posso dizer o que tem sido a acção de monsenhor reitor durante estes 10 anos. Creio que todos os que aqui nos encontramos temos o prazer de admirar a sua acção, o seu zelo de verdadeiro guardião de Nossa Senhora, o seu espírito empreendedor e a sua habilidade administrativa. Apesar disso não me furto a dar uma pálida panorâmica da sua acção nestes 10 anos.

Administração — Quem não recorda o que foram as instalações da secretaria do Santuário no tempo do sr. cónego Amílcar, para não falar do tempo do sr. padre Sousa? Durante muitos anos, os serviços da secretaria estiveram instalados em metade de uma sala do rés-do-chão na Casa dos Retiros. Ali se recebiam as esmolas, se inscreviam as missas, se fazia a correspondência, as contas da administração, se pagava aos operários e aos fornecedores do Santuário. Naquela sala continuaram instalados os serviços durante a reitoria do sr. dr. Lourenço.

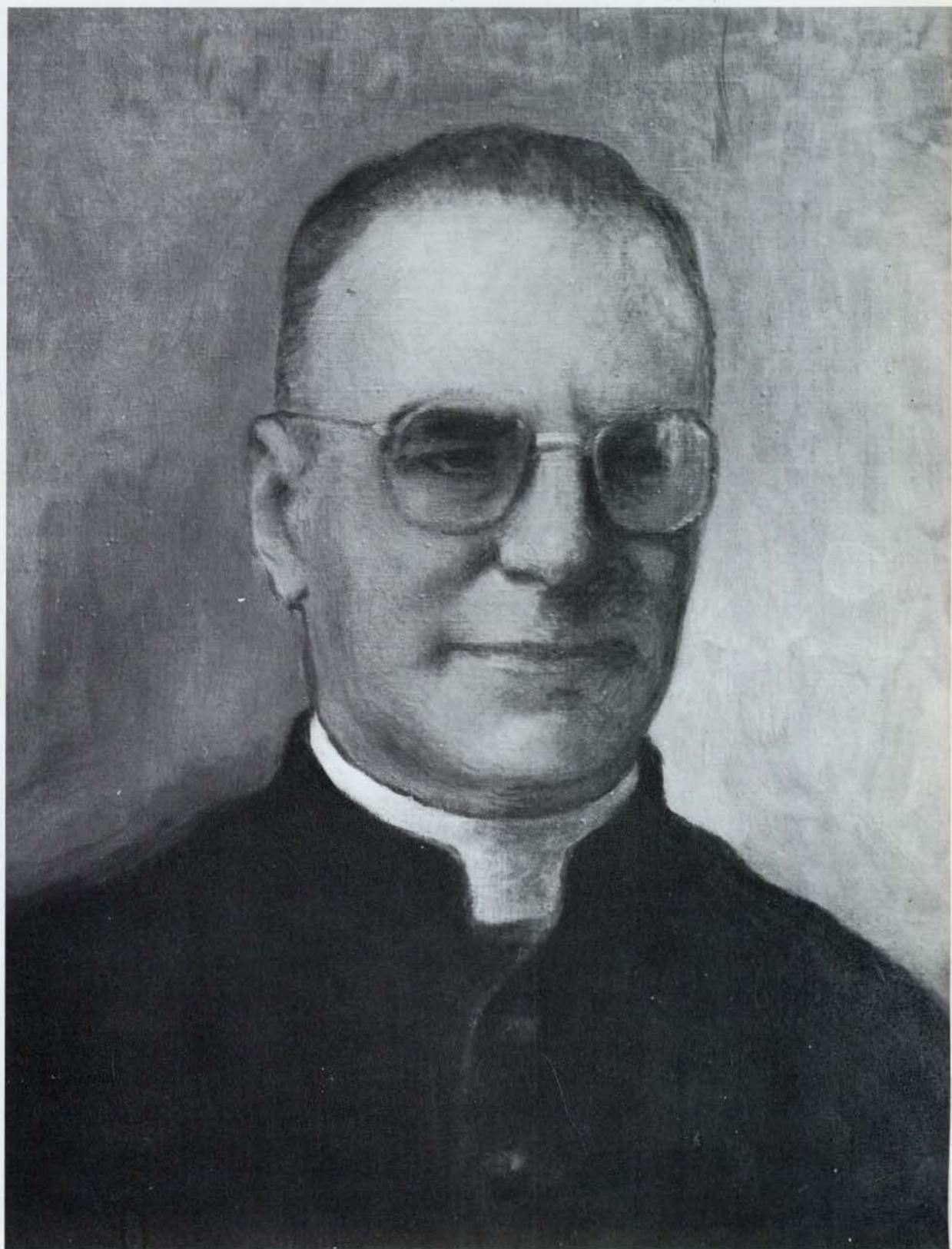
Quando mons. Borges tomou conta da administração, tratou logo de instalar os serviços numa sala do hospital, enquanto preparava as actuais instalações, pois era seu convencimento de que sem meios dignos não podem as pessoas dar todo o rendimento do seu trabalho. Dotou, por isso, a secretaria de meios indispensáveis ao seu bom funcionamento.

Obras — Quando chegou, encontrou mons. reitor o hospital que era designado por velho, mas remodelado ficou a chamar-se novo, e que ele cognominou de Hospital Senhora das Dores em fase de acabamento. Depois de vários estudos elaborados pelo arquitecto António Lino para as instalações do serviço de lava-pés, obra tão meritória para os milhares de peregrinos que vêm a Fátima a pé, fez ele o plano da distribuição de salas, as quais mandou equipar com meios cirúrgicos capazes e não só a secção de lava-pés como todo o hospital que apetrechou com o melhor e mais moderno equipamento de assistência aos doentes, o qual causa completa admiração a médicos e especialistas que o consideram superior ao equipamento dos serviços de assistência aos peregrinos do Santuário de Lourdes e outros santuários de fama mundial que conhecem.

Mandou remodelar o coro da Basílica, de forma a permitir a junção dos diversos elementos do grande órgão. Mandou beneficiar as redes de distribuição de água e de luz eléctrica e a da iluminação do recinto, por reconhecer nelas diversas deficiências.

Adaptou, com a colaboração de um arquitecto do Porto, a capela do hospital, conseguindo para ela o recolhimento e acolhimento que a tornam tão apreciada.

Pena é que determinadas circunstâncias tenham obstado a que mons. Borges não veja realizarem-se as obras que por sua iniciativa foram estudadas e arquitectadas, como a cobertura da Colunata e o



Auditório, e que proporcionariam a resolução de problemas que assoberbam o seu espírito clarividente e empreendedor. Esperamos, contudo, que a sua persistência e tenacidade acabem por vencer as hesitações e dentro de alguns anos possamos ver realizadas as suas aspirações.

Culto — Nestes 10 anos tem monsenhor reitor dotado o Santuário de objectos e alfaias litúrgicas capazes de satisfazer e dar luzimento às mais grandiosas cerimónias. Além disso enriqueceu a Basílica com os vitrais e painéis, que o distinto artista João de Sousa Araújo concebeu e que por todos os devotos de Nossa Senhora são apreciados com verdadeira unção religiosa.

Património artístico e biblioteca — Embora com uma limitação de espaço que o não satisfaz, mons. reitor tem dotado a Biblioteca do Santuário com obras e volumes de carácter mariano que formam já um conjunto apto a satisfazer os estudiosos. Não se furta ainda a trazer para o Santuário todos os objectos que possam enriquecer o seu património artístico e cultural.

Embora o seu tempo se encontre tomado por inúmeros trabalhos, encontra ainda tempo para se dedicar ao estudo de problemas relacionados com a história de Fátima e outros, que tem publicado em diversos jornais e revistas.

Respeito e dignidade do local das aparições — É porventura este um dos aspectos mais importantes e delicados da actuação de monsenhor reitor, mas também o que torna mais eficaz e de maior valor a sua acção.

Não devemos esquecer que desde a primeira hora foi preocupação do senhor bispo de Leiria afastar do recinto tudo o que constituísse profanação. Uma das suas primeiras medidas foi mandar vedar os terrenos adquiridos para a realização das cerimónias e a publicação de medidas para o impedimento de vendas de produtos no recinto das aparições. E esta orientação cumpriram-na todos os reitores, desde o sr. padre Sousa que não hesitou em deitar por terra os tremoços que uma mulher das redondezas teimava em vender à porta da capela; o sr. cônego Amílcar que teve que empregar o seu pulso de homem para mostrar a um cauteleiro teimoso que não podia apregoar e vender o jogo da lotaria em volta da Capela das Aparições. Foi o sr. cônego Amílcar quem mandou fazer as primeiras vigilâncias em volta das bicas do antigo monumento ao Sagrado Coração de Jesus, para que não fossem ali proferidas palavras indecorosas e a água de Nossa Senhora tivesse apenas a finalidade de ser bebida. O sr. dr. Lourenço mandou fazer os primeiros prospectos com indicação das normas a observar pelos peregrinos ao entrar no recinto das aparições. Foi também este reitor quem mandou fazer guardas diurnas e nocturnas no recinto.

Monsenhor Borges é o guarda vigilante do Santuário de Nossa Senhora e é a sua orientação segura e rigorosa, não isenta por vezes de espinhos e incompreensões, que constitui a maior glória e a maior dignidade tão apreciada, no fim de contas, por todos os que nos visitam, quer como peregrinos quer como simples turistas. Por isso todos devemos a monsenhor reitor a nossa melhor colaboração neste sentido.

A Cova da Iria completou há pouco 50 anos de existência como aglomerado urbano. Alguns dos que aqui se encontram assistiram ao seu nascimento. Assistimos todos às grandiosas cerimónias do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora que é também o Cinquentenário da Cova da Iria. A presença do Santo Padre Paulo VI, a da Irmã Lúcia, de tantos cardeais, arcebispos e bispos, do chefe e do Governo da Nação e da maior multidão jamais congregada, foram acontecimentos que a história registará como dos maiores de todos os tempos.

Adivinhamos o trabalho, canseiras, preocupações, sacrifício e zelo das pessoas que tiveram que estudar, preparar e organizar tão grandes cerimónias. Em primeiro lugar temos que ter presente o nosso venerando e querido bispo, D. João, que embora ausente aqui se encontra presente em espírito. Depois o seu venerando e muito estimado auxiliar, o senhor D. Domingos, que nos honra com a sua presença.

Mas temos que colocar entre os mais directos responsáveis e obreiros o nosso querido reitor, monsenhor António Antunes Borges.

Cumpramos um dever de gratidão a família fatimense. Por isso aqui estamos todos reunidos — os amigos de perto e os amigos de longe — que eu saúdo efusivamente e agradeço a comparência — para testemunhar a mons. reitor o nosso muito obrigado, ao mesmo tempo que suplicamos para ele as maiores bênçãos e graças de Deus.

Apenas nos atrevemos a dirigir um pedido a V. rev. mons. reitor — que nos considere a todos seus amigos — porque o somos de verdade e nos ajude na resolução dos problemas da Cova da Iria e que V. rev. conhece muito bem. Todos nós desejamos que a nossa terra progrida, seja dotada dos melhoramentos necessários e justos, para o desempenho do lugar para que foi predestinada. Para isso contamos com o apoio e ajuda do Santuário.

Monsenhor reitor, que a vedação do recinto seja apenas simbólica, e que formemos todos, sacerdotes, religiosos e leigos, os que aqui habitam permanentemente, os que aqui têm as suas residências periódicas, os que se encontram ligados a Fátima por laços de comércio, cultura, simpatia e devoção, uma autêntica comunidade cristã, uma verdadeira «Terra de Santa Maria».

Para os quatro venerandos e ilustres reitores, cujos retratos a arte de mestre João Reis, pintor já consagrado, passou para os quadros que nesta sala ficam a perpetuar a sua memória, eu peço os aplausos quentes e agradecidos de todos os amigos de Fátima.

D. Francisco Rendeiro
deu a bênção
aos doentes



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE OUTUBRO

Os muitos milhares de peregrinos, cerca de cinquenta mil, que enfrentaram a intempérie para ajoelharem diante do altar de Fátima, a implorar a paz para o mundo, sofreram, de facto, a investida do Inverno, frio e chuvoso. À sua oração juntou-se o sacrifício de roupas molhadas e falta de abrigo durante muitas horas da noite, da madrugada e da manhã. Apenas de quando em vez uma réstea de sol a aquecer os corpos e a alegrar os espíritos.

Durante toda a manhã do dia 12, tanto na Basílica como na Capela das Aparições, foram rezadas diversas missas. Às 11 horas, mons. Antunes Borges, reitor do Santuário, rezou missa na Capela das Aparições, que foi transmitida pela televisão para todo o país.

Às 17 horas, no altar exterior da Basílica, o sr. bispo de Ma-

lange, D. Pompeu Leão de Seabra, celebrou missa, a que assistiram muitos milhares de peregrinos. O venerando prelado, após o Evangelho, dirigiu aos fiéis uma vibrante homilia em que se referiu aos fins da peregrinação.

Em seguida, foi celebrada missa, a que assistiram cerca de 700 soldados do Regimento de Infantaria, de Abrantes.

Às 22 horas, foi rezado o terço com cânticos, seguindo-se a exposição solene do Santíssimo Sacramento, hora santa com pregação, leituras bíblicas e procissão eucarística com velas. Incorporaram-se na procissão milhares de peregrinos, empunhando velas acesas e orando com fervor. Terminada a procissão, foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

A prece comum e oficial do dia 13 principiou às 0 horas, com

a adoração do Santíssimo Sacramento. E foram muitos os fiéis que apesar do tempo desabrido permaneceram no recinto sagrado diante do Senhor.

Pela madrugada, ao recolher do Santíssimo Sacramento, foi celebrada missa de comunhão geral, eram 6.30, e a Sagrada Comunhão foi distribuída a muitos milhares de peregrinos.

Às 10 horas, foi rezado o terço diante da Capelinha das Aparições, após o que se organizou a procissão para conduzir o andor de Nossa Senhora para o seu lugar ao lado do altar exterior da Basílica. Foram agentes da P. V. T. quem transportou o andor.

A missa da peregrinação foi concelebrada por diversos sacerdotes nacionais e estrangeiros, sob a presidência do bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio.



A HOMILIA

Lido o Evangelho, o bispo de Coimbra, D. Francisco Rendeiro, pregou a homilia.

O prelado de Coimbra começou por dizer que a presença dos peregrinos na Cova da Iria coincidia com um acontecimento extraordinário, a merecer a reflexão de todos: o Sínodo dos Bispos, em Roma. «Lá estão os representantes das conferências episcopais de Portugal, os presidentes da Conferência da Metrópole, de Angola e de Moçambique, respectivamente. E que fazem todos esses bispos do mundo inteiro? — perguntou o orador. — «Trabalham com o Santo Padre: estudam os graves problemas da Igreja, e entre os quais o principal é o da união da Igreja. Paulo VI entendeu que este era e devia ser um dos temas mais imperiosos para o bem da Igreja».

Dirigindo-se aos peregrinos, D. Francisco Rendeiro disse: «Unamo-nos, em grande e coesa retaguarda, aos padres do Sínodo de Roma, para que eles cheguem a encontrar os caminhos mais rectos e mais fáceis para atingirem o fim em vista.»

Continuando, o bispo de Coimbra referiu-se às relações íntimas

existentes entre Fátima e Roma. «Mas se falo do Sínodo de Roma, não é apenas para o recomendar às vossas orações, mas também para o enquadrar na Mensagem de Fátima. Esta é tão rica em manifestações eclesiais, que não se torna difícil fazê-lo. Para além das aparições directas aos pastores, há pormenores que merecem especial atenção: Jacinta viu, porque Deus lho mostrou, a uma distância enorme, no Vaticano, o Santo Padre. O Papa estava de joelhos, numa casa imensa, com o rosto nas mãos, a chorar. Jacinta ficou muito impressionada e disse, no seu jeito de criança: — Coitadinho do Santo Padre! Temos de oferecer muitos sacrifícios para consolar o Santo Padre.»

Convidando os fiéis presentes a igualmente oferecerem orações e sacrifícios para consolar o Santo Padre, referiu-se à vida tormentosa dos últimos Pontífices, desde Bento XV, o Papa da 1.ª grande guerra, a quem se representa angustiado pelos horrores causados no mundo e sobretudo na Europa onde morreram milhões de pessoas. A mesma visão de Jacinta pode aplicar-se a Pio XI, pois foi durante o seu pontificado que se exacerbaram os erros dos nacionalismos extremos, que tanto

o fizeram sofrer. Vem seguidamente Pio XII, Papa tão ligado a Fátima e que tanto teve de sofrer. Diz-se até que houve um momento em que pensou resignar. A 2.ª grande guerra desenrolou-se toda durante o seu pontificado. As suas preocupações não tinham fronteiras de raças nem de credos. Tanto aconselhava os beligerantes a uma paz honrosa, como acolhia os refugiados de várias latitudes.

Breve foi o pontificado de João XXIII, mas também, detrás do seu permanente sorriso de bonomia, escondia o seu muito sofrimento. Foi o primeiro que, ainda cardeal, veio a Fátima como peregrino.

«Todos os Papas, concluiu esta parte D. Francisco Rendeiro, sofrem, rezam e choram.»

«Quantas vezes Paulo VI terá chorado» — prosseguiu o bispo de Coimbra.

Não sei como estará a alma de Paulo VI no dia de hoje. É que, ao mesmo tempo que se reúne o Sínodo dos Bispos, um contra-sínodo em contra-sinal se reúne na Cidade Eterna. Há pobres padres, na hora presente, a fazerem o seu «sínodo» de contestação. Como isto magoará a alma de Paulo VII O Papa, certamente não terá deixado de recordar o



O senhor bispo de Leiria presidindo à concelebração da missa

Santuário de Fátima, precisamente no dia de hoje, o primeiro dia das reuniões formais do Sínodo dos Bispos.

Unamo-nos com ele. Eu creio que esta circunstância está admiravelmente integrada na Mensagem de Fátima. Por isso, vamos colocar sobre o altar da celebração esta intenção, unindo a nossa oração à dos bispos em Roma

que estão a orar por todos os grandes problemas da Igreja.»

O bispo de Coimbra fez, seguidamente, um resumo da sua homilia em francês.

A ORAÇÃO DOS FIÉIS

Após o Credo, seguiu-se a oração dos fiéis pela paz no

Mundo, especialmente nos territórios portugueses e no Vietname e pela união na Igreja. Recitada primeiramente em português, foi depois repetida em espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, polaco, russo e húngaro.

Prosseguiu a celebração do santo sacrifício. O coro do Seminário de Leiria interpretou os cânticos litúrgicos. Alguns deles foram

entoados em latim, língua oficial da Igreja, por causa da variedade dos idiomas dos peregrinos presentes vindos de vários pontos do Mundo. A missa foi a da Dedicção das Igrejas por celebrar-se, neste dia 13 de Outubro, o 18.º aniversário da consagração da Basílica de Fátima.

No momento da comunhão, os concelebrantes e outros sacerdotes distribuíram a comunhão a várias centenas de fiéis.

RENOVAÇÃO DA CONSAGRAÇÃO AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA E BÊNÇÃO DOS DOENTES

Terminada a missa, foi recitada, como habitualmente, a consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. Imediatamente foi exposto o Santíssimo Sacramento e iniciou-se a bênção aos doentes.

O senhor bispo de Coimbra encarregou-se de dar a cada doente inscrito a bênção com o Senhor. A cerimónia, que demorou largos minutos, em virtude do número razoável de doentes inscritos, foi acompanhada pelas costumadas e comoventes invocações implorando a misericórdia do Senhor e a intercessão da Mãe de Deus. Após a bênção individual aos

doentes, foi a mesma dada a todos quantos, através da Rádio e da Televisão, acompanhavam as cerimónias e, cantado o **Tantum ergo**, a todos os peregrinos.

A PROCISSÃO DO ADEUS

Antes de organizar-se a procissão de recondução da imagem de Nossa Senhora para a Capelinha das Aparições, o senhor bispo de Leiria pediu uma oração mais pelas intenções apontadas pelo pregador da homilia e anunciou que, imediatamente a seguir, ia partir com uma embaixada do Exército Azul para uma viagem por diversas capitais do Próximo Oriente e África a entregar algumas imagens de Nossa Senhora de Fátima, 14 a serem entronizadas nas catedrais do Cairo, de Adis Abeba, de Nairobi, de Salisbúria, da Beira, Lourenço Marques, Joanesburgo, Luanda, Dakar, Rabat.

Estas imagens seriam benzidas pelo Papa Paulo VI à passagem dos peregrinos por Roma.

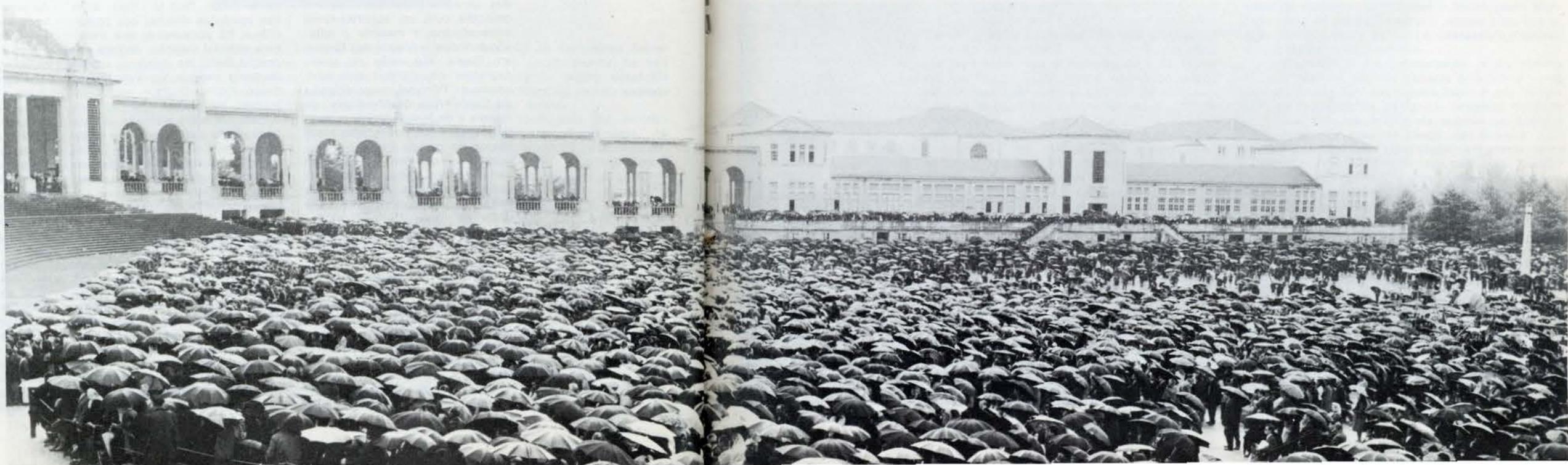
Naquele momento D. João Pereira Venâncio benzeu duas coroas para duas imagens de Nossa Senhora de Fátima, que vão ser coroadas pelo representante do arcebispo do Cairo no Santuário de Heliópolis e outra pelo senhor bispo de Leiria, em Belém, na Jordânia.

Organizou-se, então, a procissão do «adeus». À frente desfilarão bandeiras de diversas nacionalidades e estandartes de associações piedosas e do Exército Azul de Nossa Senhora.

Cantada a **Salve Rainha** diante da imagem da Virgem de Fátima, já no seu humilde trono da Capelinha, deu-se por concluída a peregrinação de Outubro de 1969, que decorreu com muita piedade e compostura, exigindo de todos um grande sacrifício, aceite com espírito cristão, tal como o pediu Nossa Senhora para se conseguir a conversão dos pecadores e a paz do Mundo.

A R. T. P., a E. N. e a R. R. retransmitiram todas as cerimónias. Talvez houvesse que fazer um pequeno reparo à transmissão da R. T. P. Que os locutores de serviço se limitem a introduzir as cerimónias e depois, apenas através da imagem e do som directamente colhido, darem aos telespectadores todo o ambiente e misticismo de Fátima, em quaisquer interferências que apenas servem para perturbar.

Para tomar parte nas cerimónias estiveram em Fátima 200 peregrinos da Alemanha; cerca de 160 do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima dos Estados Unidos da América; um grupo de quinze polacos, residentes em



Aspecto geral dos peregrinos no recinto do Santuário



O senhor Bispo de Leiria benze as imagens de Nossa Senhora de Fátima destinadas a várias capitais africanas

Paris, que vieram buscar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a Polónia.

Havia ainda peregrinos da Itália, Espanha, França, Irlanda e outros países, notando-se particularmente a presença de uma centena de peregrinos ingleses, vindos em avião especial, chefiados pelo padre Patrick Taggart, peregrinação organizada pelo semanário católico «The Universe».

10000 MEDALHAS PARA DISTRIBUIR NA IRLANDA

Entre os peregrinos que estiveram presentes às cerimónias contava-se o sr. Joseph Lowell, católico da Irlanda que vem a Fátima desde que em 1949 se incorporou na peregrinação que aqui touxe a rica custódia de ouro e pedras

preciosas que os católicos irlandeses ofereceram à Basílica de Fátima.

Desde essa data, 1949, o sr. Lowell vem a Fátima todos os anos incorporando-se na procissão com um estandarte. Grande devoto de Fátima, este católico irlandês levou consigo de Fátima 10 000 medalhas para distribuir pelos seus amigos. Estas medalhas foram benzinadas pelo senhor bispo de Leiria.



As coroas para as imagens de Nossa Senhora que se veneram em Heliópolis (Egipto) e Belém (Jordânia).

QUE AS GRANDES POTÊNCIAS NÃO NOS DEIXEM CAIR NAS MÃOS DO COMUNISMO

APELO DO EXÉRCITO AZUL DO VIETNAME AO EXÉRCITO AZUL INTERNACIONAL

Por DUC KHIEM

«Que as grandes potências não nos deixem cair nas mãos do comunismo.» Este S. O. S. faz parte de uma mensagem que o Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima do Vietname enviou há pouco ao Exército Azul internacional no final de uma reunião que se realizou em Tên-Phuée, no dia 13 de Julho deste ano.

Neste apelo, a organização católica vietnamita pediu, sobretudo ao Exército Azul internacional, para organizar urgentemente uma campanha mundial de orações e de apoio moral ao Vietname, a fim de que, diz a mensagem, «as grandes potências não nos deixem cair nas mãos dos comunistas». Na missiva, o Exército Azul vietnamita expressava também os seus votos para o êxito absoluto do Seminário Internacional sobre a Mensagem de Fátima, que na sede internacional da Cova da Iria se realizou de 13 a 20 de Julho.

O telegrama, dirigido ao sr. John Haffert, adjunto de mons. Harold V. Colgan, presidente e fundador do Exército Azul internacional, director leigo do Exército Azul nos Estados Unidos, e que se encontrava, nessa altura, em Fátima, era acompanhado por uma extensa carta com indicações concretas sobre a organização desta campanha de auxílio espiritual e moral ao povo vietnamita.

NENHUMA ESPERANÇA A NÃO SER A VIRGEM

No referido colóquio reuniram-se cerca de 300 representantes do Exército Azul e de outras associações marianas das regiões de Saigão, Gia-Dinh, Thu-Dac e Biên-Hèa. Seguiu-se a uma peregrinação comemorativa da terceira aparição de Fátima, em 1917, e ao primeiro aniversário da «Cruzada de santificação das famílias vietnamitas pela Virgem Peregrina». Foi distribuída uma carta interessantíssima de um membro do Exército Azul da Austrália, dr. S. Hefirek, de origem checa: «A vossa situação é, humanamente falando, sem esperança» — declara ele. «Sereis vendidos e abandonados como a Checoslováquia o foi muitas vezes já. Todos nós somos responsáveis por esta tragédia porque não temos rezado bastante nem temos feito suficiente penitência nem nos temos ajudado como devíamos.» E mais adiante afirma: «Um governo de coligação com os comunistas do Vietname do Sul seria o fim da vossa liberdade. Uma tal coligação serviria apenas para que os Americanos lavassem as mãos e deixassem o Vietname o mais rapidamente possível.»

Continuando o seu pensamento, o dr. Hefirek diz: «Os políticos não são capazes de salvar o vosso país. Só Nossa Senhora o pode fazer, e nós, sobretudo as organizações da Igreja, devemos cooperar com Ela.» Por isso é que ele sugeriu ao Exército Azul vietnamita para se dirigir ao Exército Azul internacional, que tem ramificações em quase todos os países, a fim de organizar uma campanha mundial de preces e de sacrifícios pelo Vietname. Por outro lado, apresentou ainda uma série de ideias construtivas para um programa de acção urgente em diversos planos, principalmente no espiritual, para contribuir para a solução deste grave problema.

O dr. Hefirek que, politicamente, milita nos organismos asiáticos anticomunistas e que, no campo espiritual, colabora com o Exército Azul há muitíssimo tempo, continua a sua obra em prol da justiça e da paz no Vietname. Dedicar-se, particularmente, por diversos meios apropriados a pedir aos católicos do lado de lá da cortina de ferro, sobretudo na Checoslováquia, seu país de origem, para rezarem pelo Vietname porque, afirma, «as suas orações são muito fervorosas e preciosas, pois eles sabem perfeitamente o que significa a escravidão comunista».

RESSONÂNCIAS DE FÁTIMA

RESPOSTA

DE

ANTUNES BORGES

ao artigo de S. I. C.

Com este título, publicou FÁTIMA-50 n.º 29 um longo artigo em que se tenta apresentar, não a «verdade dialogada e comentada», como o seu incógnito autor diz expressamente, mas uma série de afirmações com que pretende desfeitear o que escrevi, no n.º 27 desta mesma revista, sobre a história das revelações do Imaculado Coração de Maria, vistas através da pessoa de Lúcia e das manifestações da vida mariana vivida e ensinada nas celebrações litúrgicas da Cova da Iria.

Estas ressonâncias não deviam ter qualquer resposta porque espelham o acinte e até a irresponsabilidade com que foram escritas, por o seu autor ter receio de fazer verdadeiro «diálogo comentado», escondendo-se por detrás das letras «S. I. C.», e até porque, através da polémica incógnita, a verdade, longe de ficar «mais depurada e convincente», como afirma o meu interpelante, perturba-se e obscurece-se.

Mas porque se fazem algumas afirmações cuja gravidade o rev. S. I. C. não terá medido convenientemente, porque embalado nas ressonâncias de algumas das minhas afirmações, sinto-me no direito de tomar parte nos comentários que S. rev. levanta para que essa verdade fique, realmente, mais depurada e convincente.

São três os factos fundamentais que provocaram as dissonantes ressonâncias na alma do rev. S. I. C.:

- a) a data da primeira comunhão da Irmã Lúcia;
- b) o suposto grito dos videntes em 13 de Julho, aquando da visão do inferno;
- c) a revelação dos primeiros Sábados.

a) — Ao introduzir-se na primeira questão, o rev. S. I. C. queixa-se de que me tenha lamentado da falta de cumprimento da publicação crítica dos documentos de Fátima, repetidamente prometida pelo encarregado deste delicado trabalho. Mas esta queixa parece ter sido feita, apenas, para ter lugar a manifestação da opinião do meu condialista: (...) «penso que a obra do rev. padre Alonso continuará discretamente à espera». E desta ingénua suposição, salta para o primeiro degrau para, depois, subir até à altura de uma sua decisiva opinião: «O que ele podia era ter dado outra disposição ao seu trabalho (...)» E para completar esta sua posição firme, acrescenta, agora com um certo receio, o que já outros escreveram várias vezes: «Pena foi, talvez, que um trabalho crítico de tanto alcance não fosse confiado antes a uma equipa.» Daqui já era fácil passar à crítica da distribuição das matérias da futura obra do rev. padre Alonso.

Há, todavia, uma ressonância nestas suas críticas que necessita de ser afinada, porque parece não estar de acordo com a história, e que, de forma alguma, pode ser sacrificada a ideias preconcebidas.

Lastima severamente o rev. S. I. C. que se tenha estabelecido uma distinção entre «Fátima A» e «Fátima B» porque desta forma «estão a cortar no vivo, sem saber». E a razão desta distinção é que se «visa eliminar a «Fátima A» em nome da «Fátima B», e especialmente porque a «Fátima A» também lhes importa pouco».

E depois de aduzir o exemplo de dois autores que nada têm que ver com Fátima, acaba por aplicar aos «falsos críticos» as severas palavras de S. Paulo: «O homem animal não percebe as coisas do espírito de Deus.»

Não soa bem aos ouvidos do meu interpelante e não gosta desta distinção entre «Fátima antiga» e «Fátima moderna», como agora se diz. Embora o antigo adágio *De gustibus non est disputandum* nimis tenha o seu lugar próprio, quando se toca na realidade histórica não há que tergiversar.

Afinal, o rev. S. I. C. é o primeiro a admitir e a confessar a existência de dois períodos na comunicação da mensagem da Mãe de Deus aos homens: «Foi com a aparição da vida da Jacinta, baseada nos dados fornecidos pela Irmã Lúcia, que a devoção ao Coração Imaculado de Maria se começou a revelar (...)» Quer dizer, só a partir de Outubro de 1942 é que «com o Coração de Maria, Fátima havia de avassalar o mundo».

Confessa, portanto, o autor das «Ressonâncias» que Fátima teve dois períodos na sua história: um desde 1917 a 1942, em que toda a devoção mariana se orientou à luz da contemplação dos mistérios do Rosário que a aparição, sob a invocação da Senhora do Rosário, apresentou como instrumento para a mudança de vida a caminho do Senhor ofendido. O segundo período parte deste ano de 1942, «como aurora e esse crescendo da devoção ao Imaculado Coração de Maria (...)»

Porque motivo se deve ter receio de dizer a verdade quando ela é uma inegável realidade histórica? Tem sido, exactamente, este receio que tem prejudicado, em vários sectores da Igreja, a causa de Fátima. A posição em relação às aparições de Fátima, tomada, em 1944, pelo padre Dhanis derivou, fundamentalmente, deste estado de receio que existia, nesta altura, em esclarecer com os respectivos documentos as manifestações do Coração de Maria.

Afinal, o rev. S. I. C. está plenamente de acordo comigo neste particular, divergindo só nas palavras. Dá-me vontade de acrescentar a velha frase de Horácio que, há dias, vi referida: **Gramatici certant et adhuc sub iudice lis est.**

No entanto, o meu condialogista continua na posição com esta categórica declaração: «Insistir no contrário, como se tem feito a propósito de Fátima, parece subterfúgio de quem nada quer cumprir.»

Tudo isto, ainda antes de entrar em contacto com a grande pedra de escândalo que levou o meu opositor a manifestar a ressonância do seu espírito que o deixou, nada mais nada menos, que estupefacto: «Mas o que nos deixa mais estupefactos é que o autor, para mais contrariando expressamente a interpretação do rev. padre Alonso, contesta, nega mesmo, a veracidade da Lúcia!»

É tão grave esta acusação quanto é débil o argumento de que se serve. Senão vejamos onde está a pedra de escândalo.

Tudo anda à volta, afinal, da data da primeira comunhão da Irmã Lúcia e das circunstâncias que a precederam e a acompanharam.

Que razões apresentei nas minhas «ousadas afirmações» que puseram em causa o crédito da vidente e a veracidade da sua mensagem?

Em primeiro lugar, não creio que a graça concedida à vidente de Fátima para a transmissão da Mensagem celeste lhe tenha comunicado o dom da infalibilidade na recordação de uma data, para mais dos primeiros anos da sua vida e anterior às aparições. Já não falo da afirmação da Irmã Lúcia em que diz ter «consciência dos seus actos desde o colo materno». Não sei sequer que relação poderá ter a questão do erro de semelhante data com o «crédito da vidente e a veracidade da sua mensagem».

Mas nem era necessário recorrer a esta explicação, já que é, exactamente, o rev. S. I. C. quem me proporciona um novo testemunho da própria Irmã Lúcia e que me daria todo o direito de o «incriminar de pôr em causa o crédito da vidente e a veracidade da sua mensagem». Quase ao terminar da longa exposição das suas ressonâncias, S. rev. cita, exactamente, estas claras palavras da vidente que transcrevo, em primeiro lugar, por não terem vindo nas minhas ousadas afirmações: «As datas nunca liguei importância nem fiz por retê-las (...).» Esta afirmação da Irmã Lúcia é de 1941.

Com esta confissão da vidente aceite pelo meu opositor de que se serve para tirar a conclusão a respeito de uma data, e, por sinal, contradizendo também ele a afirmação da Irmã Lúcia, não era necessário voltar às minhas «ousadas afirmações». No entanto, recordemo-las:

Em 1937, 20 anos após as aparições, na sua segunda memória, a Irmã Lúcia afirma que fez a sua primeira comunhão aos 6 anos, quer dizer, 4 anos antes das aparições da Cova da Iria. No interrogatório oficial realizado no Porto a 8 de Julho de 1924, isto é, apenas sete anos depois das aparições, e «ajuramentada aos Santos Evangelhos — diz o relatório da Comissão Canónica — a Lúcia prometeu dizer toda a verdade e só a verdade.» No princípio do interrogatório, a folhas 1, depois da pergunta do estilo: **Quando fizeste a primeira Comunhão?**, está exarada esta resposta: **Fiz a minha primeira Comunhão aos sete anos (...).** (Inter. Oficial. págs. 36 e 39).

Quando, depois de ter acabado de fazer as suas declarações, lhe foi lido pelo notário todo o depoi-

mento, Lúcia achou tudo conforme, excepto um particular referente ao pároco, intimamente relacionado com a sua comunhão. Nesta altura, teria a melhor oportunidade para corrigir a data, se, realmente, estivesse convencida de que não tinha sido aos sete anos, como consta do depoimento, mas aos seis anos, como mais tarde havia de afirmar.

Transcrevi este texto para que o rev. S. I. C. se convencesse que a Irmã Lúcia se pode enganar e especialmente quando se refere a datas. Além disso, sabe muito bem S. rev. que a própria vidente, após a longa exposição sobre a sua comunhão, termina com estas palavras claras: «Não sei se os factos que acabo à (sic) pouco de contar da minha primeira comunhão, foram uma realidade ou uma ilusão de criança (...).»

Apesar de todas estas citações não marginais e aquelas em que a mãe declarou que a filha tinha feito a sua comunhão aos oito anos — esta afirmação é de 27 de Setembro de 1917 — o rev. S. I. C. preferiu dar esta sua solene sentença: «Ora a razão parece pender para o lado da Lúcia, que está a fazer história conscienciosa desses anos (...).»

Se me permite, rev. S. I. C. uma pergunta, desejava que me informasse para que lado pende a Lúcia no seu trabalho de «história conscienciosa»: para os 6 anos ou para os 7?

E seguro do seu critério de bem historiar, o rev. S. I. C. explica categóricamente porque é que a mãe disse que sua filha fez a comunhão aos 8 anos: «A resposta da mãe quis dizer substancialmente que a filha comungou bastante antes da idade costumada.»

Mas, afinal, rev. S. I. C., quem é que põe em risco a honestidade da história? Quem é que «tende para a crítica liberal»? Faço minhas as palavras do meu interpretante, pedindo desde já desculpa desta minha ousadia: «Fátima não se inventou; foi ela que se impôs ao mundo. **Nada contra a verdade, mas devemos também ser justos e honestos em aceitar a verdade quando ela se nos apresenta. Claro está que neste mundo de subversão a verdade tem que apresentar as suas credenciais.**»

Não era necessário insistir neste particular das dissonantes ressonâncias do rev. S. I. C. porque Nossa Senhora não veio trazer ao mundo uma lição de crítica histórica, mas tão-sómente uma mensagem cujo conteúdo nada tem que ver com qualquer erro ou engano de datas, que não passam de dados muito marginais. Mas porque o rev. S. I. C. tanto insiste neste ponto, fazendo dele depender a veracidade de Lúcia, permito-me acrescentar mais uma achega das várias que poderia tirar dos próprios documentos centrais.

Refiro-me à tão acesamente discutida questão da duração da prisão dos videntes e, consequentemente, da data da aparição de Nossa Senhora, em Agosto, conservando-me, rigorosamente, no ambiente de datas.

1) O primeiro documento faz parte do processo paroquial e é constituído pelo depoimento da Lúcia, feito em casa do pároco, acompanhada de sua mãe, dois dias depois da aparição de Agosto de 1917: «No dia vinte e um, compareceu na minha presença a menina Lúcia e disse que no dia treze em que foi levada pelo administrador para Vila Nova de Ourém, e onde esteve na casa do mesmo administrador, **até ao dia quinze**, não viu nada de extraordinário. **No dia dezanove** que fora Domingo (...) lhes apareceu a Senhora em cima de uma carrasqueira.» (fl. 6)

2) O visconde de Montelo apresenta-nos o seguinte testemunho em pleno acordo com o do pároco: «As crianças tinham sido presas arbitrariamente e à falsa fé pelo administrador (...). Aquela autoridade, tendo-as levado para sua casa, **deteve-as aí dois dias**, confiando-as aos cuidados de sua esposa, que as tratou com todo o carinho.» (**As grandes Maravilhas de Fátima**, pág. 54).

3) A 27 de Setembro de 1917, Lúcia é interrogada pelo visconde de Montelo e à pergunta, «em que dia lhe aparecia Nossa Senhora», responde: «Sempre no dia treze, excepto no mês de Agosto em que fui presa e levada para a vila (...) pelo senhor administrador. Nesse mês só a vi **alguns dias depois**, no sítio dos Valinhos.» (l. c. pág. 72).

4) No interrogatório oficial que faz parte do Processo Canónico, realizado no Porto a 8 de Julho de 1924, «ajuramentada aos Santos Evangelhos e prometendo dizer toda a verdade e só a verdade», declara quanto segue sobre a prisão de Agosto: «No dia em que devia realizar-se a quarta aparição (o administrador apoderou-se à falsa fé das crianças e leva-as numa charrete para sua casa (...)). No dia seguinte (dia 14), depois de interrogadas por uma senhora, são conduzidas à administração do concelho e novamente interrogadas sobre o segredo. Levaram-nas à cadeia (...) e ameaçaram-nas de lá as fazerem ficar se não o dissessem (...). (Depois) levaram-nas para casa e lá ficaram mais uma noite no mesmo quarto. No dia seguinte (dia 15) sucedeu quase a mesma coisa (...). **No dia dezasseis** foram outra vez à administração pelas dez horas, mas nada conseguiram dos videntes, como das outras vezes, até que por fim o administrador os foi levar à residência paroquial de Fátima (...). **A dezasseis de Agosto, dia da quarta aparição (...)** a Lúcia pediu à Senhora um milagre para que o povo acreditasse (...)» (fl. 38).

Neste depoimento que, de forma alguma, se pode considerar como um documento marginal, a Irmã Lúcia já discorda de si mesma, introduzindo dois elementos novos: «não foram dois dias» que esteve em casa do administrador, **mas três**; a «quarta aparição ter-se-ia dado, não no dia dezanove, **mas a dezasseis** e no próprio dia em que tinha vindo de Vila Nova de Ourém.

Note, rev. S. I. C., que a vidente ouviu atentamente a leitura deste seu depoimento e não o corrigiu. Mas não ficam por aqui as divergências nas suas referências a datas dos acontecimentos de 1917.

5) Na sua segunda memória (Novembro de 1937), ao referir-se à prisão limita-se a dizer que já é do conhecimento do senhor bispo tudo o que se tinha passado e conclui: «À volta desta viagem ou prisão que não sei como lhe eide (sic) chamar, **que a meu ver foi no dia 15 de Agosto** (a volta para casa). Como regozijo da minha chegada a casa mandaram-me imediatamente abrir o meu rebanho e levá-lo a pastar (...). Como já era tarde deixamos-nos ficar junto da nossa pequena aldeia, nos Valinhos. Como esta cena V. Excia. Revma. também já sabe (...), a Santíssima Virgem recomendou-nos de novo a prática da mortificação (...)» (págs. 19 v. e 20).

6) A quarta memória, que é de 1941, dá-nos a última palavra da Irmã Lúcia sobre o valor e importância que dá às datas. Transcreve-se o texto tal qual no-lo apresenta: «Dia 13 de Agosto de 1917. Como já dito o que neste dia se passou, não me detenho nisso e passo à aparição **a meu ver no dia 15 ao**

cair da tarde. Como ainda então não sabia contar os dias do mês, **pode ser que seja eu a que esteja enganada**; mas conservo a idéia que foi no mesmo dia em que chagámos de Vila Nova de Ourém» (pág. 76).

Ficará o rev. S. I. C. convencido, e não estupefacto e escandalizado com todos estes testemunhos tão claros e não «marginais» de que a Irmã Lúcia pode errar ou enganar-se ao falar de datas e ao coordenar os acontecimentos relacionados com as manifestações da mensagem de Nossa Senhora?

Independentemente da sua convicção, tomo a liberdade de apelar para o testemunho daqueles que, afinal, estão ao meu lado e que, de forma alguma, ousou acusá-los «de pôr em risco a honestidade histórica, e em causa o crédito da vidente e a veracidade da sua mensagem».

1) O primeiro documento, e que é digno de toda a fé, é o testemunho do pároco de Fátima, publicado a 22 de Agosto de 1917 em *O Mensageiro*, em que protesta contra as acusações de cumplicidade no rapto das crianças e que se encontra em P. S. «**Chegou no dia 15**, a autoridade com as crianças a minha casa, onde se juntaram os pais das mesmas e muitas outras pessoas, perante as quais pretendeu com todas as amabilidades explicar o seu modo de proceder» (em *Fátima à Prova*, pág. 54).

2) Está plenamente de acordo quer com o pároco quer com a Irmã Lúcia, no seu primeiro depoimento de 21 de Agosto de 1917, a afirmação da vidente Jacinta, conforme consta do processo paroquial: «Por várias vezes, interroguei a Jacinta que sempre confirmou que viu uma Senhora na Cova da Iria, nos dias treze de Maio a Outubro de 1917, menos no dia treze de Agosto em que se achava em casa do administrador do concelho, mas que nesse mês **A viu no Domingo seguinte — dia dezanove** — no sítio chamado Valinho (...)» (fl. 9).

3) Não falam diversamente os pais dos videntes que assistiram à sua chegada a casa do pároco no dia 15 de Agosto de 1917, e declaram, a 28 de Setembro de 1923, perante o relator do Processo Canónico, dr. Formigão, e o promotor da fé, dr. Marques dos Santos:

- a) Manuel Pedro Marto: «O Administrador trouxe os pequenos **na quarta feira, dia 15**, depois da Missa, cerca das onze horas (...). **No dia dezanove de Agosto**, ao chegar a casa, depois de ter passado pelos Valinhos (...), ouviu dizer que Nossa Senhora tinha aparecido nesse dia naquele sítio» (Proc. Can., Interrog. of., págs. 3 e 4).
- b) Sua esposa, Olímpia de Jesus: «**As crianças chegam no dia quinze de Agosto de manhã** em que o administrador as veio trazer (...). **No dia dezanove era Domingo**. A Lúcia andou a guardar o gado na companhia dos primos Francisco e João ao pé dos Valinhos. (...) Como tardassem, foi à sua procura (...). Mas então já vinham de regresso a casa o Francisco e a Jacinta, **dizendo que Nossa Senhora tinha tornado a aparecer (...)**» (fl. 89).
- c) A mãe da Lúcia confirma os pais da Jacinta e do Francisco: «O administrador veio trazê-las a Fátima **no dia quinze n'um carro** e foi pô-las na varanda do Senhor Prior (...). **No dia dezanove**, a Lúcia chegou a casa à noite, trazendo na mão um raminho de

azinheira e disse que Nossa Senhora lhe tinha aparecido um pouco antes do Sol posto, ahí pelo meio da tarde, às quatro horas, tendo estado ao meio dia com o gado em casa» (fl. 13).

- d) O testemunho de Maria dos Santos, a tesoureira das primeiras esmolas deixadas junto da azinheira, não difere de todos os precedentes: «Quando as creanças voltaram à Cova da Iria, disse-lhes que perguntassem à Senhora o que havia de fazer ao dinheiro. Nos Valinhos quando se deu ali a aparição, a **dezanove do mesmo mês** (Agosto), a pequena fez realmente à Senhora essa pergunta (...)» (fl. 20).

Foram talvez demasiadas estas citações. Que o rev. S. I. C. delas tire as conclusões que consiga descobrir em qualquer entrelinha que me tenha fugido. Uma coisa deve ter como segura: A mensagem de Nossa Senhora permanecerá íntegra com todas estas falhas humanas, pois se referem, não ao seu conteúdo doutrinal mas unicamente a circunstâncias particulares da vida dos videntes. O mesmo já não poderei dizer quanto àquela real dificuldade do fim da guerra. Mas ainda aqui a Irmã Lúcia não teve receio de confessar que se poderia ter enganado: «Como estava, diz ela, a pensar nos pedidos que queria fazer à Senhora, não deitei bem sentido.» E explica: «A minha prima Jacinta disse-me em casa que a Senhora falara assim: «Convertam-se que a guerra acaba dentro de um ano» (Relat. da Comissão Can. fl. 79. — Todos os sublinhados são meus).

b)— Ainda bem que o rev. S. I. C. saindo tão desajeitado do campo da história nos dá uma boa lição de moral. Resta saber se a sua ressonância tocou nas sensíveis cordas da sua delicada alma estupefacta com as minhas ousadas afirmações.

Alonga-se o articulista em considerações teológico-místicas, agitado por ter feito minhas as declarações da mãe da Lúcia à pergunta que lhe foi feita sobre a sua piedade: «Não acho nela nada de extraordinário neste particular, vendo-a a rezar da mesma forma e com o mesmo fervor que antes das aparições, exactamente como fazem as suas irmãs.»

Ainda desta vez, a senhora Maria Rosa fica mal diante da clarividência do rev. S. I. C.: «(o argumento) assim não prova nada». E, a seguir, responde argumentamente o meu criterioso opositor: «É que exteriormente a Lúcia, ao rezar, não se distinguia das irmãs, porque naquela família todos rezavam com devoção.»

Se não fosse por causar grande incómodo ao rev. S. I. C. faria outra pergunta: «Que credenciais apresenta a favor desta verdade?»

E logo depois faz suas as afirmações que uma dúzia de linhas atrás me condena severamente: «Nem creio que beneficie o conhecimento da verdadeira mensagem de Nossa Senhora a clocação dos videntes em tais circunstâncias de vida mística que os separe da vida normal de qualquer outra criança da sua idade.» Esta a minha afirmação. E o rev. S. I. C. diz: «é bem estranho».

Mas, algumas linhas abaixo, muda de parecer e declara em tom de pergunta séria: «Será que a mística faz aparecer algum esplendor na testa das pessoas, ou implica atitudes estranhas e chamativas?» E solenemente conclui: «Os verdadeiros dons de Deus costumam fazer as almas discretas.»

Afinal as ressonâncias do rev. S. I. C. afinam com as minhas ousadas afirmações, só as palavras divergem. E como bom historiador declara que «a Lúcia não diz que ela e os primos, após as aparições do Anjo, viviam num ambiente místico tão elevado que lhes transformasse notavelmente a maneira de ser exterior».

Falha à sinceridade histórica esta afirmação, quando a própria Irmã Lúcia confessa claramente: «como eu desde a minha primeira comunhão me ficava como que abstracta recordando o que tinha passado, minhas irmãs com algo de desprezo, perguntavam-me: estás a ver algum exbrulhado no lençol?» É que não convém ao rev. S. I. C. admitir esta verdade, e não podendo fugir à presença deste texto brinca com ele.

Estamos, portanto, de acordo: A vida intensa que os videntes viveram após as aparições passou despercebida quer à família quer a quantos com eles conviveram. Confessa-o a mãe; declara-o aquela nobre senhora que teve em sua casa a Lúcia e a Jacinta no período das aparições, como se pode verificar no livro, há pouco publicado — *Oito Dias Com os Videntes*; atesta-o toda a gente que ainda hoje é interrogada sobre este particular e sanciona-o, claramente, o Processo Canónico, ao falar da Sinceridade dos Videntes com estes claros testemunhos: Os videntes «nunca mostraram nenhuma inclinação para o misticismo, sem exceptuar o período da sua vida que seguiu imediatamente as visões. Um ilustrado professor de instrução primária, que ainda antes do fim do mês de Outubro assistiu no local das aparições à recitação do terço presidida pela Lúcia declarou ficar mal impressionado ao ver a distração da criança. Um cavalheiro de elevada categoria que no mesmo mês foi visitar a Cova da Iria afirmou ter-lhe causado estranheza ouvir a Lúcia responder às perguntas que lhe faziam relativamente às aparições, dizendo tudo sem um certo sentimento de piedade e sem ter bem consciência da graça recebida. Não se notava nas crianças nada que as distinguisse das melhores crianças suas companheiras (...). A sua devoção era sã e simples, sem atrair particularmente atenção» (fl. 6).

É ainda a Irmã Lúcia que confirma este estado de alma quando relata a maneira como rezava o terço com os seus companheiros quer por ocasião da aparição do vulto envolvido num lençol quer em 13 de Maio de 1917.

Ao rev. S. I. C. nenhum destes testemunhos dão resposta à objecção que diz ter sido levantada por mim sobre a visão do inferno, «causando inquietação nos espíritos desprevenidos». A razão da ausência da resposta é fácil vê-la. Ela deriva tão-sòmente da ausência de documentos que demonstrem que se deu, não a visão do inferno que está bem documentada com vivacidade ou impressionante realismo, mas a sua repercussão na assistência e na fisionomia dos videntes.

Mas o rev. S. I. C. não conseguiu encontrar o meu pensamento, lendo apenas, nas entrelinhas — estilo tão do seu agrado —, descobrindo que a expressão «vivacidade» significaria «exagero fantasista», devendo dizer-se descrição de «impressionante realismo».

E apoiando-se nos entendidos de sonhos, explica como aquela visão do inferno teria sido assim mesmo: «Parecem longos (os sonhos) (...), mas representam, de facto, breves instantes. Tal — comenta ainda — como se filma hoje uma cena em grande velocidade, que depois se projecta demoradamente em velocidade mais lenta.»

E depois desta lição magistral de arte de bem filmar, passa à bela arte fotográfica, reprovando a minha leitura fisionómica dos videntes, através da fotografia tirada exactamente no dia 13 de Julho de 1917, depois da aparição e junto da igreja paroquial.

É esquecer totalmente o ambiente em que viviam as gentes serranas da serra d'Aire como de outros lugares sertanejos, nos já afastados tempos das aparições. Mas o rev. S.I.C. lá sabe porque deve contradizer todas as afirmações feitas no meu artigo.

c) — E para entrar no capítulo das revelações do Coração de Maria, S. rev. não encontrou melhor porta do que uma nova afirmação — contraditória, sensacional: «O artigo (o meu), como já disse, é muito extenso.» Mas cala-se a respeito do seu! Tem nove colunas recheadas, enquanto o meu tem treze. E depois desta impressionante realidade, crítica o o ter exposto o ambiente do culto mariano na vida do Santuário, sem encontrar em todo o processo das aparições vestígios do Coração Imaculado de Maria. E ao terminar a sua crítica, faz esta solene afirmação: «Isto só confirma que era segredo e que os pequenos o souberam guardar (...).» Portanto, não houve realmente vestígios das manifestações do Coração de Maria. Parece, pois, que a verdade histórica dos acontecimentos está, mais uma vez, ao meu lado.

Mas porque isto mesmo foi esclarecido com a descrição de tudo o que se passou anteriormente a estas revelações e porque era necessário encontrar qualquer outra entrelinha que dissesse o contrário, o rev. S.I.C. sentença com impressionante realismo: «Esperava-se que o autor citasse os textos autênticos da Lúcia.»

Esquece-se S. rev. que a honesta e realista história não me permitia fazê-lo, pois o período que foi descrito era exactamente aquele em que a Lúcia devia guardar o segredo. Foi, realmente, por inadvertência que fez esta afirmação, porque logo cinco linhas depois confessa: «Verdade seja que essa aurora e esse crescendo da devoção ao Imaculado Coração de Maria não se originava apenas no chamado «Escrito da Lúcia», mas sobretudo na divulgação dos cinco primeiros Sábados, devoção prática pedida por Nossa Senhora em 1925 e começada a divulgar lentamente (...).» E a seguir tem esta profunda lamentação «Houve estranhas demoras.» A completar os seus conhecimentos históricos, afirma: «Conheço alguém que na Primavera de 1932 fez talvez a primeira tiragem, policopiada a nardígrafo, do teor desta devoção.»

Finalmente reconhece que está, mais uma vez, de acordo comigo, porque antes desta data não havia vestígios desta devoção. Mas arrependendo-se do que acabava de afirmar, logo descobriu na terceira parte, com a impressionante visão do seu realismo, que nas minhas palavras havia não sabe que entrelinhas, porque não apresentava senão «uma série de documentos marginais». E escandaliza-se, porque os documentos autênticos «esses — dogmatiza o rev. S.I.C. — existem, ou deviam existir, no arquivo do Santuário, ao menos em fotocópias».

Pode o meu interpelante ficar sabendo que a segunda parte do seu apodítico dilema é que está quase certa, razão porque não citei esses textos autênticos. Nem pareça estranha esta ausência no arquivo do Santuário, porque, estando-se ainda dentro do período normal de reserva da documentação referente a qualquer acontecimento de importância,

é muito natural que esses textos continuassem no arquivo episcopal, visto ser o prelado da diocese o responsável de todo o processo relativo às aparições.

Mas o rev. S.I.C. preocupado, principalmente, com a descoberta das entrelinhas, dá a impressão de ignorar estas coisas. Isto sucede em qualquer arquivo como nos Arquivos Secretos do Vaticano, onde não é permitida a consulta de documentos dos últimos cem anos, a não ser em casos muito especiais.

Foi exactamente a descoberta da parte do prelado de Leiria à leitura de alguns documentos que provocou tudo isso que o rev. S.I.C. classifica de «Ressonâncias de Fátima» originando graves confusões em muitos escritos que se foram repetindo e ampliando.

Mas a S. rev. não interessam estes princípios que baseiam as investigações honestas da história. A preocupação com que pegou, precipitadamente, na pena foi descobrir defeitos e «certas anomalias de Fátima que não têm passado despercebidas a muita gente». Tudo passa nas suas longas ressonâncias através do seu crivo purificador.

É a oração intercalar dos mistérios que andou tanto tempo errada, pois a alma do purgatório nenhum lugar têm em Fátima. E como toda a gente, já há muito que sabia tudo isto, atira cá para fora uma notícia inédita: «E por isso se veio a construir um nicho às almas na via que arranca para o hospital velho» e como «não houvesse outro motivo aproveitável, construiu-se outro nicho (...) do lado oposto».

Se eu fora perito na leitura das «entrelinhas», confesso que começava a duvidar da ortodoxia teológica do rev. S.I.C. acerca da doutrina do purgatório, tanta é a sua insistência em afastar de Fátima os nichos das almas!

Mas desta vez, o rev. S.I.C. não apresenta documentos autênticos, e, por isso, peço licença para lhe dizer que a conclusão acerca dos nichos está errada. A razão da sua construção foi muito outra.

Uma segunda anomalia é que os agentes corrosivos dos tempos levaram consigo «a dupla inscrição da oração do Anjo à Santíssima Trindade (gravada) na rocha do fundo da Lapa do Cabeço: «a portuguesa que já estava correcta» e a alemã que continuava errada porque nela se conservava a cláusula e por **intercessão do Coração Imaculado de Maria.**

Ainda bem que os agentes corrosivos se colocaram ao lado de S. rev. porque os seus «motivos teológicos» não permitem aceitar as razões que levaram o rev. Pade Gonzaga da Fonseca, com a sua «estranha liberdade a Iha inserir».

Não sei se o rev. S.I.C. — pelo menos não o declara agora aqui — encontrou mais alguma entrelinha nestas anomalias onde tenha vislumbrado alguns desses responsáveis a quem «não quer atribuir culpas concretamente», por não acreditarem na Santíssima Trindade, razão porque se teriam descuidado «de se pôr em dia com certos dados da Mensagem». São, realmente, muito graves estas imprudentes insinuações!

Não ficaria fora do lugar perguntar ao rev. S.I.C. se nos sabe informar se cada uma das palavras da referida oração foram ditadas, textualmente, por Lúcia ou se teria havido qualquer ajustamento doutrinário de alguns dos seus directores espirituais? Talvez por isso conste dos documentos não marginais!

Não quero, de forma alguma, colocar o rev. S.I.C. no grémio daqueles que ensinaram que a inspiração divina da Sagrada Escritura atingia não apenas a doutrina mas todas e cada uma das palavras, as próprias letras, excluídas, evidentemente, as vogais do texto hebraico, porque muito bem recordará

S. rev. que estas foram introduzidas mais tarde, pelos massoretos. Não sei mesmo se ainda cultiva aquela ressonância bíblica sobre os 72 tradutores da chamada «Versão dos Setenta», que teriam realizado esse monumental trabalho totalmente separados em 72 celas, donde saíram todos com o texto perfeitamente igual!

Por outro lado, a pergunta acima feita está plenamente de acordo com outra afirmação em que nos dá a notícia de que a carta dirigida pela Irmã Lúcia ao Papa, em 2 de Dezembro de 1940, e em que fala da devoção ao Coração Imaculado de Maria, teve duas redacções, tendo prevalecido a segunda. Daqui se pode concluir que S. rev. não é rigorista na interpretação das palavras.

E já que o rev. S.I.C. se referiu a «motivos teológicos», peço licença para me enfileirar ao lado daqueles que, mesmo quando rezam, procuram servir-se das fórmulas que melhor exprimem o sentir teológico da Igreja.

É dos primeiros tempos a expressiva designação atribuída a Nossa Senhora — **Omnipotência suplicante**. Tudo pode a Mãe de Deus junto do Seu divino filho, mas nem por isso deixa de ser de intercessão o seu poder. A exclusão da cláusula que não afina com as ressonâncias do rev. S.I.C. obriga-nos àquelas explicações que nos merecem, muitas vezes, a designação de «sofistas» ou «simbolistas».

E entretanto, agora, mais directamente no íntimo da última ressonância do rev. S.I.C., quero serená-lo, esclarecendo que nunca tive a mínima dúvida acerca da origem dos primeiros Sábados, antes tenho procurado praticar esta devoção, juntamente com os fiéis. As minhas verdadeiras afirmações sem entrelinhas não foram além do reconhecimento de que a irmã Lúcia nas suas 4 memórias, nas três vezes em que se refere à devoção dos primeiros Sábados, nunca diz quantas vezes se deve fazer esta prática. E a confirmar este facto aduzi dois outros testemunhos a que posso acrescentar a sua primeira afirmação escrita à mãe, em 1927.

Classifica S. rev. estes documentos como marginais, incluindo nesta sua apreciação as próprias memórias, contradizendo o que antes, com ares de grave escândalo, classificou como falta de honestidade histórica, pelo facto de, simplesmente, rejeitar uma data.

Mas não satisfeito, ainda, acaba por consumir este vaivém de contradições com esta apodítica conclusão: «Com este aliciente (sic) Nossa Senhora convida-nos à comunhão reparadora **todos os primeiros sábados**» (o sublinhado é meu).

Desta forma, também me sinto no direito de me servir da sua conclusão: «É lamentável que o articulista — depois de lançar tantas censuras — nos deixe sem resposta a causar inquietações em espíritos desprevenidos.» E o que é pior, é que acaba por revelar que, afinal, a devoção da «simples comunhão reparadora em todos os primeiros Sábados, em desagravo da Imaculada Mãe de Deus», já tinha sido aprovada e indulgenciada por S. Pio X, em 30 de Novembro de 1912, como consta da **Acta Apostolicae sedis** dessa mesma data.

Agora é que eu não compreendo porque é que se esgrimiu com tanto calor e invectivas na descoberta das minhas entrelinhas, acabando por desdizer-se, depois de citar os documentos centrais, não deixando sequer de fazer esta nobre confissão: «Tenho à vista cópia exacta de uma carta (...) em que (se)

transcreve aquele documento.» E não satisfeito com todas estas suas citações centrais, o rev. S.I.C. declara com toda a sua autoridade: «Isso quanto aos cinco primeiros Sábados. Outra coisa, **penso eu**, é a simples comunhão reparadora em todos os primeiros Sábados do ano, pela vida fora» (o sublinhado é meu).

Não merece a pena ir mais além. Permito-me aproveitar esta oportunidade que o rev. S.I.C. me oferece para deixar nas páginas de FATIMA-50 um documento que considero como a melhor resposta a todos os exageros que se têm escrito à volta de Fátima e, particularmente, os relacionados com o ambiente doentio que se criou à volta da terceira parte do segredo: É a **Nota da Cúria Episcopal de Coimbra** com o formal **desmentido da Irmã Lúcia** às afirmações feitas sobre «ressonâncias» que muito mal fizeram à causa de Fátima.

É de todos conhecido que este ambiente de agitação apocalíptica que percorreu o mundo, nos dois últimos anos antes de 1960, teve a sua primeira e desconcertante origem numa entrevista publicada pelo padre Lombardi numa revista italiana. A autoridade do conhecido mentalizador e iniciador do Movimento Para Um Mundo Melhor deixou um sulco profundo nas almas com as suas afirmações, que dizia terem sido inspiradas nas palavras da vidente de Fátima.

Influenciado por este doentio ambiente e aproveitando-se da sua posição de futuro postulador da Causa da Beatificação dos videntes de Fátima, o rev. padre Augustin Fuentes, mexicano de origem e residente nesse tempo em Roma, onde se dedicava aos estudos preparatórios para a organização dos processos canónicos, cometeu a grande imprudência de dar à imprensa americana o texto de uma conferência feita a religiosas, na qual fazia afirmações apocalípticas, com a inexplicável agravante de as atribuir à irmã Lúcia.

Não fica fora do seu lugar servir-me da palavra que me oferta o rev. S.I.C.: «Foram tais as ressonâncias desta publicação que a Cúria Diocesana de Coimbra se viu na obrigação de publicar a citada nota de desmentido. Apesar deste documento formal, as ressonâncias continuam a repercutir-se, provocando graves desafinações nas harmonias da mensagem de Nossa Senhora.»

Precisamente nestes últimos dias, chegou à biblioteca deste Santuário uma revista mariana de Itália em que se transcreve parte da fatídica conferência e dum outro artigo publicado, há tempos, na Alemanha, no qual se pretendia apresentar ao público a terceira parte do segredo de Fátima. O pior é que a referida revista italiana nenhum comentário fazia, ignorando, por isso, as declarações da Cúria de Coimbra e da irmã Lúcia. São de 24 de Setembro findo estas oportuníssimas palavras do Papa Paulo VI: «Falando hoje da Igreja, muitos dizem-se inspirados por um vento profético e proclamam coisas arriscadas e por vezes inadmissíveis, atribuindo-as ao Espírito Santo, como se o divino Paraclito estivesse sempre à sua disposição.»

Não são estas ressonâncias doentias que necessitamos de cultivar, mas tão-somente dizer a verdade sem receio e sem esconderijos. Já o senhor D. José Alves Correia da Silva, na sua carta pastoral com que declarava dignas de fé as visões de Fátima, teve a abertura corajosa de nela transcrever a lição do grande Pontífice Leão XIII: «A primeira lei da história é nunca dizer falsidades: a segunda é nunca reacear dizer a verdade.»

Guiado por este princípio, Leão XIII abriu, de par em par, as portas dos arquivos do Vaticano, pondo a sua imensa riqueza documental à disposição dos investigadores. É esta, ainda hoje, a orientação da Igreja na sua superior direcção. Recordo com elevada admiração a resposta franca e aberta de mons. Mercati, quando em 1954 iniciei os trabalhos no Arquivo Secreto do Vaticano. Receoso de ir além do que era permitido, perguntei se podia fotografar determinados documentos de que necessitava. A sua resposta foi unicamente esta e com voz firme e acentuada: O Arquivo Secreto do Vaticano é o arquivo menos secreto do mundo.

Esta afirmação teve a sua confirmação total durante todo o período de alguns anos de trabalho, excepção feita aos documentos que pertenciam à secção de reservados que abrangiam cem anos e que agora, segundo me constou, já foram limitados a oitenta.

Para concluir, não encontro melhores palavras do que aquelas que escreveu o prelado de Fátima na sua carta pastoral sobre o Cinquentenário das Aparições:

«Afloram por aí, de vez em quando, certas afirmações e tomam-se certa atitudes que só podem prejudicar a Mensagem de Fátima que é toda luz (...). Mais de uma vez, não sem certa dificuldade, pelo que tinha de desagradável, tivemos de fazer sérias advertências sobre certas esperanças ilusórias e espectaculares (...). Fátima não tem a missão de encher de fantasias a quem vive ou quer viver de sonho e alucinação (...).

Tão pouco Fátima vem dar razão a falsos agoureiros de sonhadas catástrofes mundiais. Fátima não pode ser reduzida a profecias sensacionalistas de guerras espantosas (...).

Fátima é coisa muito mais séria que tudo isto. Ninguém pode colocar em Fátima, apesar de todo o seu poder de intercessão, ante Deus Senhor nosso, uma esperança ilusória que não estivesse bem cimentada no santo temor de Deus, na oração perseverante e baseada nos méritos infinitos de Cristo e na intercessão de Nossa Senhora. É nesta perspectiva que Fátima deve ser compreendida e nela adquirem plena significação estas palavras consoladoras: **E por fim, o meu Coração Imaculado triunfará.»**

NOTA

DA CÚRIA DIOCESANA DE COIMBRA E DESMENTIDO DA IRMÃ LÚCIA

Tendo o Rev.º Padre Augustin Fuentes, postulador da Causa da Beatificação dos Videntes de Fátima, Francisco e Jacinta, visitado, no Carmelo de Coimbra, a Irmã Lúcia e falando com ela exclusivamente sobre coisas referentes ao Processo, chegado ao México, sua pátria (a darmos crédito ao que referiu «A Voz» de 22 de Junho e repetiu em 1 de Julho em tradução de M. C. de Bragança), permitiu-se fazer afirmações mirabolantes, de sentido apocalíptico, escatológico e profético, que declarou ter ouvido à Irmã Lúcia.

Dada a gravidade de tais afirmações, a Cúria Diocesana de Coimbra entendeu ser seu dever mandar fazer rigoroso exame sobre a autenticidade do que pessoas, dadas a tais especulações do maravilhoso, espalharam no México, nos Estados Unidos, na Espanha, e finalmente em Portugal.

Para tranquilidade de tantos que, ao lerem a Documentação publicada n.º «A Voz», se alarmaram, ficando apavorados com os cataclismos que (segundo diz tal Documentação), cairão sobre o mundo em 1960, e sobretudo para se pôr termo a tão tendenciosa campanha de «profecias», cujos autores, talvez sem disso se darem conta, estão a fazer cair o ridículo sobre si mesmos e sobre coisas que à Irmã Lúcia se referem, a Cúria Diocesana de Coimbra torna públicas estas palavras da Irmã Lúcia, resposta a perguntas que quem de direito lhe fez

O Padre Fuentes falou comigo por ser o postulador da causa da Beatificação dos Servos de Deus, Jacinta e Francisco Marto; tratamos unicamente de coisas relacionadas com esse assunto, pelo que tudo o mais a que ele se refere não é exacto nem verdadeiro, o que lamento, pois, não compreendo que bem se possa fazer às almas com coisas que não têm por base Deus, que é a verdade. Nada sei, nem coisa alguma, portanto, podia dizer sobre tais castigos, como falsamente se me atribui.

A Cúria Diocesana de Coimbra está habilitada a poder declarar que a Irmã Lúcia, tendo dito até ali tudo o que entendeu que devia dizer sobre Fátima, pelo menos desde Fevereiro de 1955 para cá, nada disse, e por isso ninguém autorizou a trazer a público seja o que for que lhe possa ser atribuído acerca de Fátima.

Coimbra, 2 de Julho de 1959.

A Cúria Diocesana de Coimbra

NOTA DA DIRECÇÃO DE "FÁTIMA-50"

Com a publicação do presente artigo damos por terminado este diálogo de franco esclarecimento da verdade.

NOTÍCIAS DE FÁTIMA

14.ª PREGREIRAÇÃO NACIONAL DO ROSÁRIO

Presidida pelo sr. D. José Pedro da Silva, bispo de Viseu, efectuou-se no dia 5 de Outubro a 14.ª Peregrinação Nacional de Membros do Rosário, organizada pelo Secretariado Nacional do Rosário, e que trouxe à Cova da Iria para cima de 10 000 pessoas de quase todos os pontos do País.

Aos actos assistiram também os bispos de Leiria, D. João Pereira Venâncio e o seu auxiliar D. Domingos de Pinho Brandão, o novo provincial da Ordem Dominicana, frei Miguel Adriano Martins dos Santos, o promotor nacional do Rosário, frei Luís Cerdeira, o prior do convento de Fátima e diversos outros sacerdotes dos Seminários da Ordem e vários párocos.

A peregrinação teve os seguintes actos: concentração na Cruz Alta e desfile até à Capela das Aparições, onde o rev. frei Luís Cerdeira proferiu uma saudação diante da imagem de Nossa Senhora; missa vespertina celebrada pelo bispo auxiliar de Leiria, que proferiu uma homilia adequada ao fim da peregrinação; adoração colectiva e procissão eucarística.

No dia 5, às 7 horas, houve missa celebrada pelo promotor nacional, frei Luís Cerdeira e, às 10 horas e meia, todos os peregrinos assistiram a uma celebração presidida pelo bispo de Viseu e em que tomaram parte o bispo de Leiria, o provincial e mais 15 sacerdotes da Ordem dominicana, e outros. O bispo de Viseu proferiu a homilia sobre a recitação do terço tão recomendada pela Santíssima Virgem na Cova da Iria quando apareceu aos três pastorinhos.

Efectuou-se depois da missa a consagração ao Imaculado Coração de Maria, proferida pelo provincial dominicano e, por último, a procissão do «Adeus», em que se incorporaram diversos estandartes e muitos milhares de peregrinos.

JUVENTUDE CATÓLICA

Durante 3 dias estiveram reunidos na Casa dos Retiros algumas dezenas de jovens de ambos os

sexos da diocese de Leiria, que tomaram parte num curso de formação para dirigentes e militantes da JAC/JACF. No fim do curso efectuou-se o conselho diocesano dos dois organismos da Acção Católica, durante o qual foram eleitos os novos dirigentes diocesanos. Assistiram diversos párocos e os assistentes diocesanos.

FÁTIMA NA SÍRIA

Revestiram-se do maior brilhantismo as cerimónias do dia 13 de Outubro no Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Damasco. Prova-se que este Santuário será, não uma igreja qualquer mas um verdadeiro centro de irradiação da Mensagem de Fátima.

Ultimam-se os trabalhos do carrilhão e do relógio que deverão ser enviados para Damasco no princípio do ano, a fim de tudo estar pronto no dia 13 de Outubro de 1970, dia em que deve ali efectuar-se uma cerimónia especial de grande homenagem à Virgem de Fátima.

Um muçulmano, juiz do Supremo Tribunal, pede para a sua filha ser baptizada no Santuário, no baptistério português.

CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE JACINTA

A fim de tratar das comemorações do cinquentenário da morte da vidente Jacinta Marto reuniram-se na Postulação dos Videntes diversos sacerdotes, religiosos e leigos de vários pontos do País, reunião que foi continuada em Lisboa. Entre os vários números do programa foram aprovadas duas concentrações de crianças, uma nacional em Fátima, nos dias 6 e 7 de Junho de 1970, e outra em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos. Na reunião estiveram presentes os padres Luís Kondor, postulador das causas de beatificação dos videntes, e Fernando Leite, director nacional da Cruzada Eucarística das Crianças.

RETIRO MISSIONÁRIO

De 15 a 19 de Outubro a Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM) organizou um retiro para senhoras, no qual tomaram parte cerca de 100 pessoas

de diversos pontos do País. O retiro durou 3 dias e terminou com uma festa missionária em comemoração do Dia das Missões. Nessa festa foi exibido um filme feito pelos padres do Espírito Santo, de tema missionário. Dirigiu o retiro o padre Olavo Teixeira, director do movimento dos Apóstolos do Imaculado Coração de Maria, coadjuvado pelos padres José Lapa e José Felício.

Nas missas oficiais celebradas na Basilica as homilias feitas pelos missionários do Espírito Santo versaram a comemoração do Dia das Missões.

CAMPANHA PARA A REZA DO TERÇO NA CAPELA DAS APARIÇÕES

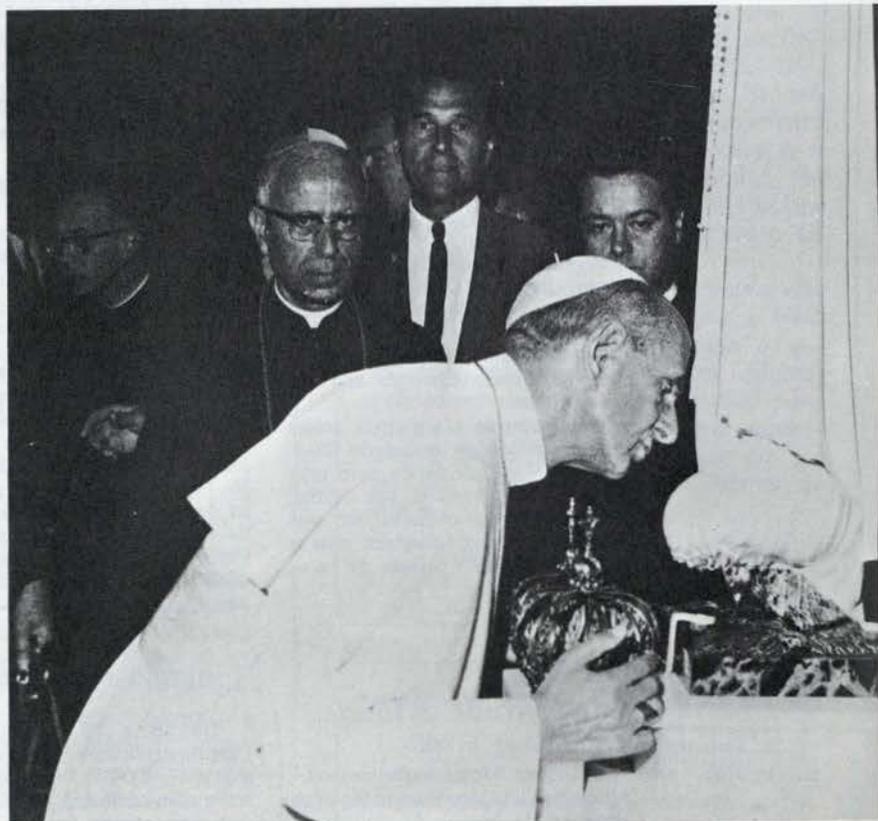
O sr. bispo de Leiria dirigiu um apelo às pessoas que vivem mais perto do Santuário para que, à semelhança do que se faz na Capela do Lausperene, desde 1960, se passe a rezar permanentemente o terço na Capela das Aparições, o local preciso onde há 50 anos Nossa Senhora disse aos videntes Lúcia, Jacinta e Francisco, que rezassem o terço todos os dias, a fim de obter de Deus a graça da paz para o mundo.

Seriam estabelecidos, «todos os dias, do meio dia às 19 horas, 14 turnos de desagravo ao Coração Imaculado de Maria por todos os pecados e desmandos que se cometem no mundo de hoje e num desafio que espanta, contra Deus e contra tudo o que é santo», diz D. João Pereira Venâncio na carta que dirigiu aos sacerdotes, religiosos e leigos que vivem na Cova da Iria.

Secundando o apelo do sr. bispo, esta devoção principiou já a ser posta em prática na Capela das Aparições, diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima.

REUNIÃO DE PROFESSORES DE MORAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Cerca de 20 sacerdotes que exercem funções de professores do ensino religioso em estabelecimentos escolares estiveram reunidos durante dois dias, sob a presidência do sr. arcebispo-bispo de Beja, D. Manuel dos Santos Rocha. Orientou a reunião o dr. Manuel Joaquim Ochoa, director nacional do ensino religioso.



Aspectos da passagem por Roma da embaixada do Exército Azul, sob a presidência do sr. bispo de Leiria, com as coroas para as imagens dos santuários de Heliópolis (Egipto) e Belém (Jordânia), e as imagens de Nossa Senhora de Fátima destinadas à África, benzidas no Vaticano pelo Papa Paulo VI.



